

Apresentação

Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida

Religion and sustainability: environment and quality of life

Paulo César Pereira¹,
Editor.

“Eu quase que nada não sei. Mas
desconfio de muita coisa”
(GUIMARÃES ROSA)².

Pois é, Quando pensamos em religião e sustentabilidade podemos cair na tentação de acharmos que já sabemos muito, que esse é um tema já esgotado ou esvaziado. Talvez mais prudente fosse dizer como Guimarães Rosa e assumir que quase nada sabemos, quando muito, desconfiamos de coisas. Se acreditamos desconfiados (paradoxo?) temos maior probabilidade de contribuir com a pesquisa a partir de novas descobertas. Sempre é possível lançar um olhar diferente e disso resultar uma percepção distinta, com sinais antes não percebidos, que poderão nos remeter para caminhos diversos. Quando assim acontece, cria-se um campo fértil para novas epistemologias, de maneira especial a das controvérsias, hoje de reconhecida importância para as ciências da religião.

Peter Berger e Anton Zijderfeld³ em um apreciado livro intitulado “*Em favor da*

dúvida: como ter convicções sem se tornar um fanático”, logo de início apresentam um verso de Goethe que diz: “*Se não tivéssemos as dúvidas, onde, então, haveria uma certeza jubilante?*” Aqui, do outro lado do oceano de Goethe, Patativa do Assaré, o poeta de mãos calejadas, não pela caneta, mas pela enxada, com a desconfiança do bom matuto, também é taxativo ao afirmar: “A vida é pesada cruz, ninguém se julgue feliz, que aquilo que agora é luz, mais tarde pode sê treva”⁴. Assim, desconfiamos que as certezas são e sempre serão provisórias.

No campo religioso, muitos acreditam em um Deus ou em Deuses que habitam nos mais altos céus ou em lugares inalcançáveis aos pobres mortais. Enquanto isso, os homens que desejarem uma aproximação com o divino, devem se preocupar em encontrar caminhos que os transportem para essa nova dimensão, deixando em segundo plano as preocupações e os compromissos com a vida neste planeta. Por que investir tempo e recursos na terra se tudo isso um dia será destruído? É assim que pensam.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2011). Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Olindense de Ciências Contábeis e Administrativas (1990) e em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1998). Editor da Paralellus. Email: paulobultrins@hotmail.com

² Cf. ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1958, 571p.

³ BERGER, Peter. ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida: como ter convicções sem se tornar um fanático**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2012, 171p.

⁴ BRITO, Antonio I. A. **Patativa do Assaré, porta voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010, 200p.

Outros acreditam em um Deus imutável, ou em Deuses imutáveis, não sujeitos à ação do tempo, nem à evolução dos seres viventes. Quanto a isso, tenho que é possível desconfiar que Ele ou Eles vivem em constantes mudanças, apenas o fazem antes de nós, pois são mais ligeiros, mais velozes, feito a correnteza de um rio raso, bem diferentes dos rios profundos, que correm devagar, lentos, quase preguiçosos, como se não quisessem chegar ao mar ou a lugar algum. É possível que estas e outras questões semelhantes tenham contribuído para o contínuo afastamento de tantos religiosos e religiosas das questões relativas ao meio ambiente e a sustentabilidade do planeta.

No campo da sustentabilidade, muitos chegaram a imaginar que os recursos naturais eram infinitos, que tudo era renovável e que ter e viver em abundância era o destino dos homens. Não percebiam que estávamos todos vivendo um processo de autofagia universal. Ainda hoje há os que insistem no aniquilamento do seu próprio habitat, e por isso, a natureza que também é viva, reage destruindo os seus destruidores. Não é mais aceitável se passar pelo bosque e ver ali apenas lenha para a fogueira (Leon Tóstoi)⁵ ou comodamente se render e ajustar-se a “Essa terra de gigantes que trocam vidas por diamantes” (Humberto Gessinger)⁶. Agindo assim, a humanidade segue em sentido contrário à Lei da Socialização imaginada e defendida por Teilhard de Chardin, segundo a qual “*Ocorre, no plano social e humano, a unificação e integração cada vez maior dos indivíduos, num panorama progressivo*

expresso por um movimento de socialização” (MOURÃO, 1999, p. 15)⁷. Desta maneira, quebrando-se a harmonia do cosmos, dificilmente se poderá chegar a um aprofundamento da visão de universo, à qual Chardin designou de “super consciência”, onde os diferentes aspectos particulares significam apenas parte da unidade.

Quer no campo religioso ou no da sustentabilidade, ainda é bastante comum se tratar de problemas complexos de forma analítica linear, embora claramente estejamos diante de evoluções não lineares, mas sim de uma rede interligada que toma diferentes fisionomias e proporciona variadas respostas a depender das circunstâncias presentes.

Hoje já temos indícios, ou pelos menos anseios, de uma nova concepção do cosmos, e isto muito se deve aos trabalhos e estudos baseados na teoria do caos e da complexidade, onde é possível uma maior aproximação entre os métodos analítico e o sistêmico. No analítico, que parte das deduções, corre-se o maior risco de se construir uma inteligência compartimentada, fracionada e dissociativa, formando assim ilhas de conhecimento. Já no método sistêmico, que é oriundo da teoria dos sistemas complexos, se tenta recombina o todo, ou o conjunto, a partir dos conhecimentos setorizados, considerando suas interdependências submetidas ao jugo do tempo e da evolução.

Conseguiremos construir *in tempore*, os fundamentos de um pensamento religioso-ecológico, ou ecológico-religioso, que aguce em nós o sentido da auto sustentabilidade, e que seja capaz de nos encaminhar para a formação de uma consciência coletiva capaz de garantir

⁵ TÓLSTOI, Leon. **Infância, adolescência, juventude**. São Paulo: L&PM, 2013, 400p.

⁶ Disponível em: <http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/index2.html>. Consultado em: 30 jan. 2014.

⁷ MOURÃO, R. R. F. In: BETTO, Frei. **Sinfonia Universal**: a cosmovisão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Ática, 1999, 127p.

ou assegurar a vida na nossa *oikoumene*, isto é, na nossa casa comum?

Poderemos formular tantas outras perguntas e a depender de suas respostas definir o nosso futuro como partícula neste universo. Por exemplo: Ainda seguiremos na busca desenfreada ao que nos foi ensinado como sendo o conceito de progresso necessário e inevitável da humanidade? Perceberemos que felicidade não está necessariamente relacionada e nem é proporcional ao nível de consumo? Que destino daremos aos nossos refugos? Aceitaremos a proposição de que a vida extrapola os conceitos e os pré-conceitos já estabelecidos? Teremos força suficiente para rejeitar a imposição ideológica do individualismo, a ponto de percebermos que não somos e não estamos sozinhos no universo, e que no eu estão inseridas as circunstâncias da vida particular e coletiva, do particular e do universal? Continuaremos a saltar em nossos botes salva vidas e abandonando o navio apenas porque não somos o piloto chefe responsável pela condução do mesmo? Enfim, seremos capazes de cultivarmos uma religiosidade que extrapole as questões meramente relacionadas ao espírito e que, para além de defender a vida, seja capaz também de fomentá-la e desfrutá-la em toda a sua plenitude?

Algumas respostas para estas perguntas estão nos valiosos artigos que apresentamos neste número da *Paralellus*. Novamente a apresentamos sob o formato de dossiê e temas livres. Estamos sendo agraciados com artigos de conhecidos pensadores, do Brasil e do exterior, que dentro de seus diversos campos de estudos trazem suas colaborações significativas sobre religião e sustentabilidade, tema do dossiê deste número.

Além disso, a temática livre nos surpreende pela profundidade dos conteúdos e pela riqueza da diversidade.

O reconhecido professor e teólogo Afonso Murad apresenta o encantamento como uma das sete chaves da consciência planetária à luz da ecoteologia. Deixa-nos ansiosos para termos a oportunidade de vermos abordados em novos textos as suas percepções sobre a indignação, informação, visão sistêmica, mística, atitudes pessoais e ações coletivas, que são as outras seis chaves por ele mencionadas. Um belo texto que desafia a nos reencantarmos com o ecossistema a partir do que denomina ser uma “experiência sensitiva e sensorial”, onde a consciência unitária do mundo nos leva a ter uma reverência a todos os seres vivos. Faz uma abordagem bíblico-teológica a partir de uma concepção judaico-cristã, inclusive abrindo janelas de compreensão sobre a leitura bíblica, especialmente dos salmos, facilitadora para a promoção e concepção de uma consciência verdadeiramente planetária.

Discorrer sobre os “Mitos sagrados de pueblos ancestrales” é a proposta do texto de Jenny Muñoz, renomada doutora em cultura e arte. Ela nos apresenta a experiência de povos como warao e pemón, da Venezuela, que mantém uma relação de reverência e respeito com os elementos da natureza. Como diz, não na perspectiva “fetichista”, equiparando-os aos deuses ou espíritos milagrosos, mas como uma representação simbólica relacionada com o contexto e o ambiente como um todo. Desse respeito com os elementos naturais, como as pedras, plantas e astros, nascem os mitos e os ritos vivenciados como sagrados dentro do espaço da territorialidade.

Dialogar sobre a contribuição da religião, esta tomada sob a boa exegese de sua

religação e releitura, a partir do homem religioso, que se conecta com o todo vital, na busca de compreender ou interpretar a sua condição humana na terra, vivida sob o manto do divino mistério, é o que nos propõe o professor e doutor em teologia Marcial Maçaneiro no seu excelente texto “Profundidade e reconhecimento: da cosmovisão religiosa ao cuidado ambiental”. Propõe um reencantamento pela natureza, capaz de restabelecer o vínculo, fascínio e respeito pela terra, espaço onde se manifesta a sacralidade da vida.

A professora e doutora em sociologia Magnólia Cabral, colabora com o texto “Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida”. Discorre sobre as ideias religiosas e seus efeitos sobre o meio ambiente. Coloca em relevo o conhecimento de antigas tradições religiosas e filosóficas como fonte de sabedoria indispensável para o equilíbrio cósmico e a manutenção da vida, afirmando que este é um dos grandes desafios para os cientistas modernos.

Apresentamos também o texto “As cartilhas e a educação ambiental na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” de Carlos Alberto Genz, mestre em teologia e doutorando em educação. Ele discute se a internalização das questões ambientais, a partir dos processos educativos, com a utilização de cartilhas produzidas pela própria entidade, tem trazido uma colaboração efetiva no processo de conscientização ecológica no seio da Igreja Luterana do Brasil, o que, segundo o autor, decodificaria uma espiritualidade manifestada na relação dos sujeitos e o ambiente em que vivem.

A historiadora e pesquisadora Andréa Caselli aborda o universo xamânico, focando os

possíveis diálogos dentro dos espectros da sustentabilidade e das espiritualidades. Afirma que as inter-relações com a natureza e os espíritos, percebidos como sagrados, estão presentes desde a ancestralidade, marcadamente nas sociedades indígenas e arcaicas, mas que também são resgatadas e visíveis no mundo contemporâneo, que é híbrido e plural. Os diálogos objetivam viabilizar e harmonizar práticas sustentáveis, já experimentadas no xamanismo desde as eras mais remotas.

A temática livre compõe a segunda parte da nossa revista. Como em um caleidoscópio, em cada movimento nos deparamos com belas, agradáveis e significativas imagens do nosso multicolorido mundo religioso. Espiritualidade e sustentabilidade estão umbilicalmente ligadas às questões da vida e esta, por sua vez, anda sempre de mãos dadas com a morte. O texto da pesquisadora e mestre em Ciências da Religião Rosângela Costa, aborda a vivência de cuidadores de crianças e adolescentes portadoras de câncer e procura discernir qual a verdadeira importância da fé e da esperança, elementos de espiritualidade, como suporte no enfrentamento e superação de uma possível ou iminente morte.

A Alzirinha Rocha, doutoranda em teologia pela Universidade de Louvain, Bélgica, com rara sensibilidade e com precisão cirúrgica, escreveu sobre “O Vaticano II no cotidiano do nordeste brasileiro – a contribuição de D. Hélder Câmara e José Comblin à renovação da Igreja de Recife (1965-1972)”. Uma excelente colaboração sobre os caminhos da igreja no nordeste a partir das direções apontadas pelo Vaticano II, passando pela liderança pastoral de Dom Hélder Câmara

e teológica do Padre José Comblin; Hugo Gonçalves de Freitas, graduando em teologia e Sandra Duarte, professora e doutora em Ciências da Religião, elaboraram um precioso e atualizado estudo sobre os “Religiosos contemporâneos: características dos frequentadores das igrejas metodistas em Volta Redonda-RJ”. Demonstram que a busca por sentido, traduzida por um constante movimento manifestado no trânsito religioso, pode indicar novos contornos e conceitos no relacionamento do sujeito religioso com o divino.

O pesquisador e doutorando Júlio César Tavares Dias, nos proporciona um agradável e doce mergulho na religiosidade popular, quando escreve sobre “Cosme e Damião: na fronteira das religiões – um caso de conflito entre a Igreja Universal e práticas afro-religiosas”. Com sagaz perspicácia percebe que a fronteira entre o doce e o azedo quando se trata de manifestações religiosas populares é uma linha muito tênue, quase imperceptível aos olhos menos atentos. Já o doutorando Thulio Moura de Aquino, a partir da sua ampla formação em história, nos presenteou com um rico, instigante e bem fundamentado texto. Nele discorre sobre “Diálogos com a obra de Maria Isaura de Queiroz: Traços messiânicos no caso do Bispo Dom Antonio Maria Malan na cidade de Petrolina-PE (1924-1931)” e convidamos a perceber os sinais de messianismos presentes na literatura e na vida de religiosos no sertão do Brasil.

Ainda dentro dos temas livres, o pesquisador e mestrando Victor Hugo Mariusso, nos ilumina com um atualíssimo estudo sobre “O Lampião da Esquina: Homossexualidade e religião na imprensa gay no Brasil (1978-1981)”. Repressão política,

opressão religiosa e liberdade do ser humano são tratados com rigor acadêmico, sensibilidade literária e inteligência crítica. Fechamos o ciclo da temática livre com o também atraente texto do mestrando em filosofia, Eduardo Ribeiro, sobre “Bergson e o pensamento chinês: a duração e o I Ching”. Nele nos deparamos com a hipótese de aproximações e um possível estabelecimento de paralelos entre as abordagens metafísicas presentes no autor francês e na ancestralidade da literatura chinesa, que remonta a mais de 5.000 anos.

Demum, cui honorem honorem (Enfim, a quem honra, honra). Prestamos uma justa homenagem ao imortal das palavras, professor Fernando Castim, publicando um breve ensaio de sua própria autoria. Castim é professor da casa e um livre pensador, um panteão da solidariedade, e certamente o seu trabalho eleva para bem alto o nome da Universidade Católica de Pernambuco. “Um pequeno resumo do memorial da paixão e morte de Jesus” é um ode à reflexão, um convite a inebriar-se na profusão das ideias. Se porventura não alcançarmos a exata compreensão da altura, largura e profundidade do seu manuscrito, que a condenação recaia sobre todos nós, incapazes de alcançar a exata dimensão de um espírito livre.

Eis aí a revista, agora então já podemos dizer novamente como João Guimarães Rosa⁸, “porque eu só preciso de pés livres, de mãos dadas e de olhos bem abertos”.

Boa Leitura!

⁸ Cf. ROSA, João Guimarães. **Magma**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997, 148p.